

Planalto consegue retardar ofensiva por CPI

Dida Sampaio/AE

Oposição obtém apoio do 25.º senador, mas admite que cresceu dificuldade para garantir comissão

CHRISTIANE SAMARCO
e TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA – O líder do PT no Senado, José Eduardo Dutra (SE), contabilizou ontem 25 assinaturas de senadores para criar uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) para apurar denúncias de corrupção. Embora faltem apenas dois senadores para que os adversários do Planalto atinjam as 27 assinaturas necessárias, segundo um dos líderes da oposição, nesta semana, foi o governo quem avançou para barrar a CPI.

“Na sexta-feira, nós tínhamos a garantia de apoio de 28 senadores e hoje estamos derrapando nos 25”, conta o líder. Não é à toa. O presidente Fernando Henrique Cardoso entrou pessoalmente na articulação anti-CPI e monitora a situação diariamente. Na avaliação das oposições, o sinal mais visível da atuação do governo foi o recuo de alguns senadores que se tinham comprometido com a CPI. Citam os peemedebistas Amir Lando (RO), que está viajando; Ramez Tebet (MS), que quer refletir melhor, e o tucano Osmar Dias (PR), que decidiu adiar a decisão até ter a certeza de que a oposição quer investigar, e não apenas montar um palanque eleitoral.

O governo também trabalhou nos bastidores para reverter apoios de governistas já oficializados, como os peemedebistas Maguito Vilela (GO) e José de Alencar (MG). Para que os aliados não fiquem marcados pelo trabalho anti-CPI, duas CPIs foram criadas ontem: uma para apurar corrupção e irregularidades no sistema penitenciário e outra para investigar casos de biopirataria.

Mas se o Planalto conseguiu ganhar terreno uma semana depois de o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), anunciar que assinaria o requerimento, o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) também partiu para a ofensiva. Foi ele quem engordou a lista de assinaturas no Senado, forçando o apoio dos pefelistas baianos Waldeck Ornélas e Paulo Souto.

O apoio do PFL da Bahia surpreendeu o Planalto. Enquanto o líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PSDB-DF) apostava no corredor que os dois carlistas do Senado não apoiariam oficialmente a CPI, às 15h30 de ontem, Ornélas assinava o requerimento no plenário, constringido pela pressão de Dutra e ACM. “Não tenho dúvida da lisura do presidente Fernando Henrique, mas acho que, neste momento, é melhor para o próprio governo que se esclareça tudo”, disse Souto, ao anunciar no fim da tarde que seguiria ACM. À noite, ele assinou o requerimento.

Na Câmara, a expectativa de baixas também preocupa. Tanto que o líder pefelista, Inocêncio Oliveira (PE), não disfarçava o nervosismo ontem. “Falei com Fernando Henrique duas vezes por telefone e disse a ele que estou fazendo o que posso, mas não posso vender ilusões”, disse Inocêncio, ao salientar que o PFL trabalha com uma faixa de 30 dissidentes na bancada de 100 deputados. O líder pediu ainda a ajuda dos três ministros do PFL.

Inocêncio sugeriu uma reunião da executiva nacional do partido, para controlar a situação nas duas Casas. Apenas três carlistas assinaram o requeri-



ACM, Ornélas e Souto: o ex-presidente do Senado partiu para a ofensiva e garantiu o apoio dos senadores baianos, que acabaram assinando o requerimento de CPI

rimento ontem na Câmara: os pefelistas baianos Urcisino Queiroz, Ariston Andrade e Luiz Moreira. “Eu não trouxe minha caneta hoje”, brincou José Carlos Aleluia (PFL-BA), ao justificar a ausência de seu nome na lista. O motivo real, que os carlistas comentam nos bastidores, é o fato de ACM ainda não ter operado na Câmara para forçar a adesão de seu grupo. “Na hora que ele fizer isto, vai todo mundo”, aposta um dirigente do PFL.

Preocupação – Mas quem mais preocupou Inocêncio ontem foi o governador de Rondônia, José Bianco (PFL). Ele foi informado de que dois deputados ligados ao governador (Expedito Júnior e Oscar Andrade) estavam anunciando que assinariam o requerimento, a pedido de Bianco. “Este caso está tomando uma proporção que

não pode ser decidido em reunião de bancada: a executiva nacional deve se pronunciar”, ponderou Inocêncio.

“Isto é chantagem para conseguir verbas para o Estado”, emendou outro dirigente do PFL. O problema mais grave são os dois senadores ligados a Bianco. Caso Moreira Mendes (PFL) e Fernando Matusalém (PPB) assinem o requerimento, a oposição chegará à conta mínima de 27 assinaturas que o governo quer evitar.

“O PMDB não vai dar as duas assinaturas que faltam porque o partido tem a consciência de que, se o fizer, incendia o Congresso e o governo”, aposta um influente dirigente do partido. Na avaliação dele, o governo perderá o controle da situação na Câmara, se a oposição alcançar o número necessário para a CPI no Senado. Hoje, a executiva nacional peemedebista reúne-se para tratar de CPI. Pressionados por adversários nos Estados, vários senadores estão forçando uma posição definida do partido, para justificar a recusa da assinatura e tentar fugir da pecha de conivência com a corrupção. (Colaborou Eugênia Lopes)

**APOIO DO
PFL BAIANO
SURPREENDEU
O GOVERNO**